

**REVISTA DE
EMPREENDEDORISMO,
NEGÓCIOS E INOVAÇÃO**

**JOSÉ HENRIQUE BASSI
SOUZA SPERANCINI**

Graduado História pela
Universidade de Sorocaba
(UNISO) e em Ciências
Econômicas pelo IE-UNICAMP.
Mestre e Doutor pelo DPCT/
UNICAMP. Professor da UFABC.
E-mail: josehenrique.souza@
ufabc.edu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
AVENIDA DOS ESTADOS, 5001
BAIRRO BANGU, SANTO ANDRÉ - SP.
CEP 09210-580

E-MAIL: INOVACAO@UFABC.EDU.BR

COORDENAÇÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO INOVAUFABC



**EMPRESÁRIOS DO TRENTINO-
ALTO ADGE NO BRASIL¹**
**TRENTINO-ALTO ADIGE ENTREPRENEURS IN
BRAZIL**

RESUMO

Geralmente os estudos sobre o papel do imigrante empreendedor no Brasil têm como referências a nacionalidade e o grupo social. Entretanto, os países de origem desses imigrantes nunca foram homogêneos. As características culturais, econômicas, geográficas de cada região; as constantes alterações nas fronteiras dos países europeus e os diferentes ritmos das transformações econômicas destas regiões criaram uma variedade imensa de tipos específicos de imigrantes. Um aspecto pouco estudado é o papel das habilidades desses imigrantes empreendedores em ambientes econômicos novos e dinâmicos. O objetivo deste artigo é explorar a adequação do uso conjunto de instrumentos conceituais do modelo cognitivo-institucional derivados do pensamento de Hayek e Veblen com a teoria do capital humano para estudar o comportamento empreendedor dos imigrantes tirolezes no Brasil.

Palavras-chave: Empresários-Imigrantes, Estado de São Paulo, Trentino-Alto Adge.

ABSTRACT

Usually studies on the role of entrepreneurs immigrants are referenced to the nationalities and social groups. However, the countries of origin of these immigrants were never homogeneous. The cultural, economic, geographic each region; the constant changes in the borders of European countries and the different pace of economic transformations in these regions have created a huge variety of specific types of immigrants. A little studied aspect is the role of skills of these entrepreneurs immigrant in new and dynamic economic environments. The purpose of this article is to explore the appropriateness of using set of conceptual tool of cognitive-institutional model derived from the thought of Hayek and Veblen to the theory of human capital to study the entrepreneurial behavior of Tyrolean immigrants in Brazil.

Keywords: Entrepreneur-Immigrants, State of Sao Paulo, Trentino-Alto Adge.

1 Participou da pesquisa bibliográfica, na pesquisa de campo no Trentino e no Estado de São Paulo e na elaboração do texto o aluno Lucas Alexandre Negri Mascaro do bacharelado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC). lucas_mascaro@hotmail.com

Classificação JEL / JEL Classification: F22 e O15.

1. INTRODUÇÃO

A imigração é de extrema importância para transferência de indivíduos, mão de obra, capitais, tecnologias, empresários, instituições e capacidade produtiva. Não é de estranhar que muitos países, como a Holanda quinhentista adotava uma política de atração de imigrantes, sobretudo de empresários (North, 1994b, p. 05). É mesmo impossível entender o desenvolvimento industrial brasileiro sem levar em conta a imigração do século XIX (Bresser-Pereira, 1964). Entretanto, os estudos sobre o papel dos imigrantes na criação de empresas no Estado de São Paulo geralmente focam as nacionalidades dos imigrantes e suas origens sociais. A referência de Marshall (1920, p. 155) sobre os flamengos na indústria têxtil inglesa é bastante conhecida. No Brasil, diversos autores “clássicos” também fizeram comentários sobre a participação dos imigrantes no desenvolvimento industrial. São os casos, por exemplo de Caio Prado (1995, p. 261 e 265), Versiani (1993), Dean (1971) e de Bresser-Pereira (1964).

No geral tais estudos focam os países de origem e os grupos sociais dos imigrantes. Ocorre que os países de origem dos imigrantes nunca foram homogêneos. As características culturais, econômicas, geográficas e tecnológicas de cada região; as constantes alterações nas fronteiras dos países europeus e os diferentes ritmos das transformações econômicas destas regiões criaram uma variedade imensa de tipos específicos de imigrantes-empresários. Culturas, hábitos, propensões, costumes e crenças eram diversas e variadas para imigrantes, inclusive, da mesma região. O artigo pretende abordar, não a origem social dos imigrantes, mas as instituições que suas famílias trouxeram para o Brasil. Não nos debruçamos, portanto, sobre a educação formal, mas sobre o que se pode chamar de “cultura familiar”.

A Itália, além de ter um quadro regional extremamente diferenciado experimentou alterações profundas em seu “mapa oficial” justamente no período em que enviava migrantes para o além-mar.

Assim, os imigrantes que vieram da atual República Italiana, longe de formar um grupo homogêneo de agricultores, eram profissionais de diferentes condições sociais com formação técnica variada e com diversas capacitações tecnológicas, níveis de instruções formais e disposições para empreender.

No processo de integração ao novo ambiente os imigrantes ocuparam e criaram espaços econômicos formando o que hoje se conhece por economia paulista. Entre os imigrantes italianos os trentinos são pouco estudados e formam justamente um contingente que sofreu fortemente as alterações nas fronteiras europeias. Pouco se sabe quais são os ramos onde fundaram suas empresas e quais tecnologias trouxeram para o Estado de São Paulo. Existe um desconhecimento grande a respeito das qualificações, do espírito empreendedor e da vocação para a inovação em um ambiente de fronteiras econômicas abertas que encontraram no novo país. Pouco se sabe sobre seus descendentes e sobre os negócios iniciados pelos pais. O mais significativo, entretanto, é que não se conhece as qualificações mentais, as habilidades cognitivas e não cognitivas desses imigrantes-empresários.

No próximo item será apresentado um referencial teórico que procura definir a forma como os autores entendem o desenvolvimento econômico. Para isso, utiliza autores das vertentes institucionalista e evolucionária. Na segunda parte do referencial teórico o texto apresenta, brevemente, o arcabouço teórico desenvolvido por Heckman utilizado para guiar a coleta de dados. A metodologia segue o referencial teórico e, em seguida são apresentadas algumas reflexões sobre a possibilidade de uso simultâneo dos modelos analíticos escolhidos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. PROPÓSITO, EMULAÇÃO E INSTITUIÇÃO

Segundo Hayek

Quando falamos de progresso em conexão com

nossos esforços individuais ou de qualquer esforço humano organizado, nos referimos a um avanço em direção a uma meta conhecida. Não é neste sentido que a evolução social pode ser chamada de progresso, pois não é alcançada pela razão humana que se esforça por meios conhecidos em direção a um objetivo fixo. Seria mais correto pensar em progresso como um processo de formação e modificação do intelecto humano, um processo de adaptação e aprendizagem em que não só as possibilidades conhecidas por nós, mas também os nossos valores e desejos mudam continuamente. Como progresso consiste na descoberta do ainda não conhecido, as suas consequências devem ser imprevisíveis. Ele sempre leva para o desconhecido, e o máximo que podemos esperar é ganhar uma compreensão do tipo de forças que o provocam. (Hayek, 1978, p. 40)

Talvez uma das forças que provocam o progresso seja o propósito de grandes grupos de indivíduos construírem formas de vida mais satisfatórias para suas famílias. Os fluxos migratórios de indivíduos em busca de melhores oportunidades de vida pode ser um propulsor de desenvolvimento econômico em locais e momentos específicos. Isto pode ocorrer porque, regiões com grande potencial de crescimento produtivo que não dispõem de recursos humanos qualificados podem gerar grandes volumes de riquezas após receberem contingentes de imigrantes qualificados e dispostos.

Considerar as intenções, os desejos e as ambições humanas como forças que podem alterar o destino da sociedade não implica um desvio não científico da análise. Se todos os eventos humanos podem ser entendidos pela relação de causa e efeito, é perfeitamente razoável entender os propósitos humanos como causas (Hodgson, 2003b, p. 86) e o desenvolvimento como consequência de ações humanas concretas (Sachs, 2007). Obviamente que nem toda intenção humana aplicada resulte nas consequências previstas e desejadas. Entretanto, não, é possível ignorar que a sociedade humana conta com um poderoso reforço em direção ao desenvolvimento; o ser humano é inclinado à realização de objetivos (Hodgson, 2004b). Assim, a principal preocupação da economia é com “os seres humanos que, para o bem ou para o mal, são impelidos a mudar e progredir” (Marshall, 1982, p. 10).

Para Veblen existe uma busca incessante dos indivíduos pela satisfação pessoal, pelo contentamento e pela aprovação da comunidade conseguidas por meio do exercício das melhores condutas (Veblen, 1898c, pp. 188, 193 e 196). Os indivíduos avaliam sua conduta visando o melhor possível a ser feito, buscam o consumo ostentatório (Veblen, 1918 e Nurkse, 1960, pp. 67 e 70) e se sentem gratificados e estimulados pela aprovação dos pares. Veblen procurou destacar essa característica humana em seu famoso artigo (1898c) repetindo várias vezes a palavra “emulation”. Emulação representa o sentimento que estimula o indivíduo ao zelo e à busca por se igualar ou exceder os outros naquilo que é bom e apreciável. Dessa forma é preciso considerar que tais atributos humanos adquiridos em sociedade são poderosas forças para o surgimento do empreendedorismo. Mas, para entender melhor esse aspecto é preciso entender outro conceito importante para a compreensão da sociedade e suas alterações (Hodgson, 2012), o conceito de “instituições”.

As instituições são as “regras do jogo” social (North, 1994a, p. 361 e 1996b, p. 06). São os hábitos, a hierarquia de valores, os costumes, a linguagem, as normas, as convenções e os códigos de conduta. Nurkse (1960) argumenta que

Nada é mais importante do que a qualidade das pessoas. Os hábitos pessoais, e as características associadas com o uso do capital – entre eles a iniciativa, a prudência, o engenho, fornecem uma base mais profunda e segura para o progresso econômico de uma nação que os projetos de uma comissão de planejamento (Nurkse, 1960, p. 168)

Hayek, igualmente utilizou o termo instituição de forma semelhante quando afirmou que:

Nós fazemos uso constante de fórmulas, símbolos e regras cujo significado não compreendemos e através do uso deles nos valemos da assistência de conhecimento que, individualmente, não possuímos. Desenvolvemos essas práticas e instituições através da construção de hábitos e instituições que se revelaram bem-sucedidas em sua própria esfera e que tenham, por sua vez tornarse o fundamento da civilização que construímos (Hayek, 1945, p. 528)

Inúmeros pensadores vêm sustentando que as mais fundamentais instituições para

o desempenho econômico são a aceitação do lucro como um pagamento justo pelos empréstimos e pelos investimentos; o direito à propriedade privada e a aceitação do sistema de preços (North, 1994b, p. 03 e 18; Veblen, 1898b, p. 512, Hayek, 1944 e 1945, p. 528 e Say, 1803, p. 12). Tais instituições são importantes também porque o quadro institucional define os tipos e as características das empresas que surgem em um país (North, 1994a, p. 361).

As instituições são limitações humanamente concebidas que estruturam a interação humana. Elas são feitas de restrições formais (por exemplo, regras, leis, constituições), restrições informais (por exemplo, normas de comportamento, convenções, códigos auto-impostos de conduta), e suas características de execução. Juntas, elas definem a estrutura de incentivos das sociedades e das economias especificamente. (North, 1994a, p. 360)

Para Hodgson (2004a, p. 20) as instituições são “sistemas duráveis de regras sociais estabelecidas e incorporadas que estruturam as interações sociais”. Em outras palavras,

Elas canalizam e restringem o comportamento de modo que, como resultado, os indivíduos formam novos hábitos. As pessoas não desenvolvem novas preferências, desejos ou propósitos, simplesmente porque “valores” ou “forças sociais” os controlam. O que acontece é que o enquadramento, mudando e limitando as capacidades das instituições sociais dão origem a novas percepções e disposições dentro de indivíduos. Após novos hábitos de pensamento e comportamento, novas preferências e intenções emergem. Como resultado, os hábitos compartilhados são o material constitutivo das instituições, proporcionando-lhes maior durabilidade, poder e autoridade normativa (Hodgson, 2009b, p. 16)

Utilizamos, portanto, o conceito de instituição como um sistema de regras capazes de estruturar as interações humanas e reduzir as incertezas decorrentes dessa interação (North, 1994b, p. 10 e 1996b, p. 06).

As instituições são regras formais (constituições, estatutos e leis comuns, regulamentos), restrições informais (convenções, normas de comportamento e códigos de conduta auto impostos), e as suas características de execução. Instituições refletem as crenças dos jogadores, ou pelo menos daqueles jogadores capazes de moldar as regras. (...) porém, (...) não necessariamente produzem resultados econômicos eficientes. (...). Na verdade, as fontes do fraco desempenho econômico-como evidenciado pela pobreza, baixa renda, e estagnação-são uma consequência das instituições cuja estrutura de incentivos desencoraja atividades que melhoram a

produtividade. (North, 1996a, p. 26).

Porém, para entender o papel do empreendedorismo, é importante diferenciar instituição de organização. North (1994b, p. 04) afirma que “As instituições são as regras do jogo e as organizações são os jogadores”. As instituições possuem a função de estruturar as interações humanas em um ambiente de incerteza (Castelli e Conceição, 2014, p. 13). “Sem instituições não haveria ordem, nenhuma sociedade, nenhuma economia, e nem política. Portanto, a construção de um quadro institucional tem sido um elemento essencial da civilização” (North, 1996a, p. 26). Para North (1996a, p. 26, 1996b, p. 04) as instituições fornecem a estrutura de incentivos de uma sociedade em um dado momento e, portanto, restringem o conjunto de escolha. Entretanto, as instituições também são os portadores do processo de mudança.

Para North as organizações são grupos constituídos de indivíduos com objetivos comuns, como órgãos públicos, empresas, clubes, escolas, etc... (1994a, 1994b e 1996b). É a interação contínua entre instituições e organizações no ambiente de seleção que altera as instituições. Assim, concorrência é a fonte da mudança institucional já que obriga os jogadores a mudar suas percepções e a investir continuamente em novas habilidades e conhecimentos. A viabilidade, a rentabilidade e a sobrevivência das organizações dependem da matriz institucional que muda de forma gradual e dependente do trajeto.

2.2. ANALOGIAS E AS LEIS DO CRESCIMENTO

O uso de analogias da mecânica na economia associa agentes racionais e dotados de lógica. Porém, deixam escapar os comportamentos inesperados, erráticos, sentimentais, irracionais do principal ator da ciência econômica, o ser humano. Talvez por isso Marshall afirmava que “as concepções biológicas são mais complexas que as da Mecânica” (Marshall, 1982, p. 10). Para Alchian (1950, p. 212) “A incerteza decorre

de pelo menos duas fontes de reboque: previsão imperfeita e incapacidade humana de resolver problemas complexos, contendo uma série de variáveis, mesmo quando o ideal é definível”.

Alguns autores clássicos e modernos sustentam que a biologia pode oferecer ajuda para o entendimento da economia (Luz e Fracalanza, 2011 e 2013). De fato, ambas as ciências são capazes de intercambiar metodologias inclusive no campo evolutivo. Hayek (1992), por exemplo, chega a afirmar que:

Não somente a ideia de evolução é mais antiga nas ciências humanas e sociais do que nas ciências naturais. Eu estaria mesmo preparado para argumentar que Darwin adquiriu as idéias básicas de evolução da economia. Como entendemos do seu livro de notas, Darwin estava lendo Adam Smith quando, em 1838, ele estava formulando sua teoria. (Hayek, 1992, p. 24)

De fato, segundo Peirce (1958), “os lugares mais destacados em ciência serão destinados aos que conseguirem adaptar os métodos de uma ciência à investigação de outra. Nisto consistiu o maior progresso da geração anterior. Darwin adaptou a biologia aos métodos de Malthus e dos economistas”.

Spencer, no final dos oitocentos, sugeriu que as leis do crescimento e das funções dos órgãos nos seres vivos:

(...) podem, ocasionalmente, nos dar a pista para algumas modificações sociais de outra forma difíceis de entender. Se elas não podem fazer mais, as duas ciências podem ao menos trocar sugestões e afirmações, e isso não será uma ajuda pequena. A concepção de “a divisão fisiológica do trabalho”, que a economia política já forneceu para a fisiologia, é um dos exemplos nada insignificante. E, provavelmente, ela tem outros para oferecer. (Spencer, 1891, p. 78)

Mais recentemente, Henderson (2001, p. 65 e 260) afirmou que os modelos auto organizadores da biologia oferecem, como “óculos” ou “lentes”, uma visão mais apropriada sobre um mundo complexo e em transformação. De fato, a seleção natural de Darwin e os modelos de sistemas complexos podem ajudar a visualizar o sistema produtivo como um ambiente mutante onde ocorre uma luta interminável pela sobrevivência. Tal analogia pode facilitar o entendimento de processos complexos de transformações

econômicas. Permitem um entendimento mais profundo a respeito do funcionamento da economia de mercado, mas deve-se tomar “o máximo de cuidado para não cair no erro do ‘reducionismo biológico’” (Castelli e Conceição, 2014).

Veblen, por exemplo, entendia o desenvolvimento como um processo evolutivo baseado no pensamento de Darwin (Hodgson, 2003b, 2008, 2009b e 2012 e Ambrosino, 2012). As instituições responsáveis pelo desenvolvimento econômico seriam selecionadas em um processo que incluiria os princípios darwinistas da variação, da hereditariedade e da seleção. Na verdade, o próprio Darwin já havia apresentado tal hipótese (Darwin, 1871, p. 162 e Aldrich et al. 2008). Um processo de seleção também havia escolhido o sistema capitalista na visão de Hayek.

(...) nossa civilização depende, não apenas quanto à sua origem, mas também quanto à sua preservação, do que somente podemos definir com precisão como a ordem espontânea da cooperação humana, ordem conhecida mais comumente, embora de modo algo equivocado, como capitalismo. Para compreender nossa civilização é preciso notar que esta ordem não foi fruto do desígnio ou da intenção humana, mas nasceu espontaneamente; nasceu de certos costumes tradicionais e em grande parte morais, muitos dos quais desagradam aos homens, cuja importância eles em geral não entendem, e cuja validade não podem provar, e que, não obstante, se difundiram de modo relativamente rápido, graças a uma seleção evolucionária - o crescimento comparativo da população e da riqueza, dos grupos que por acaso os seguiram” (Hayek, 1992, p. 06)

É importante assinalar que Hayek (1945, p. 258 e 1992, p. 06) deixa claro que não é o indivíduo que é selecionado, mas os comportamentos de sucesso. Um bem-sucedido padrão individual de comportamento que termina por ser consolidado no âmbito social (Gigante, 2013, p. 02 e Reyes-Ricon et al., 2010).

Spencer enfatizou essa possibilidade sugerindo que as leis do crescimento e das funções dos órgãos nos seres vivos:

(...) podem, ocasionalmente, nos dar a pista para algumas modificações sociais de outra forma difíceis de entender. Se elas não podem fazer mais, as duas ciências podem ao menos trocar sugestões e afirmações, e isso não será uma ajuda pequena.

A concepção de “a divisão fisiológica do trabalho”, que a economia política já forneceu para a fisiologia, é um dos exemplos nada insignificante. E, provavelmente, ela tem outros para oferecer. (Spencer, 1891, p. 78)

Para Spencer (1859 e 1860), a evolução biológica e a evolução cultural se assentam no mesmo princípio de seleção: a sobrevivência ou a vantagem de reprodução em um processo de variação, adaptação e competição. Spencer em meados dos oitocentos descrevia algumas semelhanças entre a sociedade e os organismos individuais em “quatro notáveis peculiaridades”: (1) início como pequenas agregações seguido de aumento de volume; (2) de estruturas iniciais simples passam para uma complexidade crescente. (3) de estágios primitivos com poucas dependências mútuas entre suas partes gradualmente adquirem maior dependência mútua a ponto de a atividade e a vida de cada parte só sejam possíveis com as atividades das demais; e (4) a vida do todo é independente e muito mais prolongada do que a vida de qualquer de suas unidades componentes. Estas nascem, crescem, trabalham, reproduzem e morrem, enquanto o corpo composto destas partes “sobrevive geração após geração, aumentando em massa, em aperfeiçoamento de estrutura e em atividade funcional” (Spencer, 1860, p. 121).

Tal concepção de Spencer se assemelha à definição de desenvolvimento econômico proposto por Goodwin (1991, p. 138): o desenvolvimento econômico combina evolução estrutural de longo prazo com múltiplos tipos de negócios com periodicidade variada. Entretanto, Spencer também aponta algumas diferenças entre o mundo biológico e o econômico que, embora importantes, não inviabilizam as analogias biológicas. A sociedade não tem formas externas. A sociedade também não forma uma massa contínua como os seres vivos e algumas de suas partes, como as empresas e trabalhadores, podem se mover de um lugar para outro. Por fim, segundo Spencer na sociedade cada parte, cada indivíduo, possui sensações enquanto que em um organismo individual o mesmo não ocorre.

Apesar dessas diferenças, toda a evolução,

cultural, bem como biológica, é um processo de contínua adaptação a acontecimentos imprevisíveis, a circunstâncias contingentes que não poderiam ter sido previstas. Esta é outra razão pela qual a teoria da evolução nunca pode prever a evolução futura. Tudo o que pode fazer é mostrar como estruturas complexas carregam dentro de si um meio de correção que leva a novos desenvolvimentos evolutivos que são inevitavelmente imprevisíveis. (Hayek, 1992, p. 25)

2.3. SISTEMAS COMPLEXOS EM EVOLUÇÃO E DIVISÃO DO TRABALHO

A atratividade da teoria da complexidade se deve à sua aplicabilidade aos estudos empíricos que envolvem a subdivisão de funções e a interação entre múltiplos agentes. Os economistas clássicos já apontavam essa possibilidade. Smith (1904) e Spencer (1882) também já haviam detectado esse fenômeno de subdivisões de funções.

Marshall, segundo Hodgson (1993), segue o mesmo caminho de raciocínio. De certa forma, os autores acima visualizaram um sistema produtivo como um esforço conjunto de empresas em um processo de diferenciação, especialização e seleção. Para Marshall (1920, p. 138) o desenvolvimento requer uma crescente subdivisão de funções. Esta divisão do trabalho com especialização das máquinas, trabalhadores e tecnologia demanda integração entre as funções subdivididas. Assim, aumentam as relações entre as entidades do “organismo industrial” (Marshall, 1920, p. 138). Entretanto, esse processo de especialização e criação de riqueza é acompanhado por um aprendizado coletivo dos seres humanos como defendem North (1996a, p. 27, 1996c, p. 02), Hayek (Gigante, 2013; Rizzello e Turvani, 2000, p. 166) e Bandura (1989, 2001). Pareto, com restrições, também aceitava o processo de seleção como fator de eliminação das “piores” empresas (Pareto, 1919, p. 92 e 93).

Marshall em um esclarecedor parágrafo descreve o papel da variedade para os sistemas produtivos.

Cada localidade tem suas próprias condições que afetam de várias maneiras os métodos de

arranjo de cada tipo de negócio que é realizada na mesma: e até no mesmo lugar e no mesmo ofício não há duas pessoas que, exercendo as mesmas atividades, adotarão exatamente os mesmos hábitos. A tendência de variação é a causa principal do progresso, e quanto mais capazes forem os empreendedores em qualquer tipo de comércio maior será essa tendência. (Marshall, 890, pág. 207)

Levin (2002, p. 03) considera que muito do que se entende por “sistemas complexos adaptativos” deriva da observação da natureza. Entretanto, o processo de otimização no mundo econômico difere substancialmente do que ocorre no mundo natural. Foster (2004a) argumenta que, apesar de várias áreas das ciências naturais e sociais apresentarem “complexidade organizada” com propriedades e partes semelhantes, elas diferem em aspectos importantes. Assim, a definição do que é um sistema complexo vai depender do tipo de sistema está sendo estudado. Para Foster,

Sistemas adaptativos complexos são estruturas conjuntivos que apresentam ligações reentrantes pelo que a energia é transferida para dentro da estrutura que, por sua vez, pode absorver mais energia. Este é auxiliado pela absorção de informações e a formação de estruturas de conhecimento que podem ser extraídas sobre em busca de energia. Forças que mantêm a ordem co-existem com forças que empurram o sistema para a desordem, permitindo flexibilidade e integridade estrutural. Enquanto um sistema está em equilíbrio com respeito a essas forças de compensação, ele é capaz de desenvolvimento estrutural. No entanto, para a inovação elementar continuar a transferir-se para a estrutura conectada, deve, eventualmente, ser falha. Toda a evolução econômica resulta deste processo de destruição criativa. (Foster, 2004a, p. 04)

Levin define os “sistemas complexos adaptativos” como sistemas que apresentam três propriedades: (1) diversidade e individualidade dos componentes, (2) interações recíprocas internas entre esses componentes e (3) um processo autônomo que utiliza os resultados dessas interações para selecionar um subconjunto desses componentes para a replicação ou aprimoramento (Levin 2002, p. 03). Foster, entretanto, pensando os sistemas complexos do ponto de vista econômico os descreve como possuindo quatro propriedades.

É uma estrutura dissipativa que transforma energia em trabalho e converte a informação em conhecimento com a finalidade de criar, manter e expandir a complexidade organizada do sistema.

Esse sistema é um todo em si, além de ser um componente de alguns sistemas e de oposição aos outros - são as conexões forjadas entre os sistemas que permitem a emergência da complexidade organizada em níveis mais altos de agregação.

O sistema deve exibir algum grau de irreversibilidade estrutural devido à natureza inerente hierárquica e “colagem” de conexões entre os componentes que são formados à medida que prossegue o desenvolvimento estrutural. É isto que resulta na inflexibilidade e mal adaptabilidade que precipita uma descontinuidade estrutural de algum tipo.

O processo evolutivo que o sistema experimenta só pode ser entendido na dimensão de tempo histórico explícita - as fases de emergência, crescimento, estacionárias e transição estrutural pode ser identificado no domínio do tempo histórico, levando a questões teóricas sobre os fatores que resultam na geração de variedade, da difusão de inovações, a seleção e manutenção do sistema. (Foster, 2004a, p. 03).

Nessa estrutura as forças que mantêm a ordem coexistem com as forças que empurram o sistema para a desordem permitindo integridade e flexibilidade, o que viabiliza o desenvolvimento estrutural (Foster, 2004a, p. 05). Assim, Foster reforça o papel do conhecimento e da aprendizagem. Define os sistemas complexos adaptativos como estruturas formadas por conexões e ligações pelas quais a energia é absorvida e convertida em uma estrutura que absorve informações e que cria estruturas de conhecimento que podem ser convertidas para obter mais energia.

Em resumo, o conhecimento e a inovação são fundamentais para o desenvolvimento e para o sucesso de estruturas produtivas que operam em um ambiente de seleção. No próximo item vamos focar esse aspecto do conhecimento para entender como esse componente interfere no sucesso profissional

dos atores estudados pela pesquisa.

2.4. HABILIDADES COGNITIVAS E NÃO COGNITIVAS

Estudos econômicos têm apontado que a capacidade cognitiva é um poderoso preditor de aspectos da vida econômica e social. Pesquisas recentes² enfatizam que as **habilidades não cognitivas** também interferem decisivamente na vida econômica em aspectos como: níveis de salários, participação no crime, divórcios, condições de saúde, gravidez na adolescência, tabagismo, fracasso profissional e comportamento social de risco. Portanto, podemos considerar que:

Habilidades são múltiplas na natureza e abrangem cognição, personalidade, parâmetros de preferência, bem como a saúde. Habilidades são capacidades para agir. (...) se concentram em atributos individuais e não em aspectos da sociedade, como as liberdades políticas. Elas moldam as expectativas, as restrições e as informações. Mais capacidades ampliam o conjunto de escolha do agente. (Heckman; Mosso, 2014, p. 06).

É importante notar os motivos pelos quais as habilidades são importantes para o nosso estudo.

Habilidades capacitam as pessoas. (...). Maiores níveis de habilidades promovem a inclusão social e promovem a mobilidade econômica e social, a produtividade econômica e o bem-estar. Habilidades oferecem às pessoas as ferramentas com as quais moldam suas vidas, criam novas habilidades e florescem (Kautz, 2014, p 10).

Segundo a *Secretary's Commission on Achieving Necessary Skills* (Scans, 1991, p. iii) existiriam três fundamentos necessários para a competência profissional. São eles: Habilidades básicas (leitura, escrita, aritmética e matemática, língua e escuta); Habilidades de pensamento (pensar criativamente, tomar decisões, resolver problemas, criar imagens mentais e representações (“seeing things in the mind’s eye”), saber aprender, e o raciocínio) e Qualidades pessoais (a responsabilidade individual, autoestima, sociabilidade, auto-gestão e integridade).

As peculiaridades não cognitivas, na verdade, já foram abordadas por outros

economistas. Entretanto, o termo atual, “habilidades não cognitivas”, faz um detalhamento do conceito de “caráter” de Marshall (1920). Inclui, aspectos como perseverança, tenacidade, motivação, honradez, estabilidade emocional, otimismo, autoestima, autocontrole, sociabilidade, conscientização e comportamento prospectivos (Cunha e Heckman, 2009, p. 06; Heckman, 2011 e Heckman e Rubinstein, 2001).

Em diversos estudos Heckman e parceiros (Heckman et al., 2014 e Cunha; Heckman e Schennach, 2010) sustentam que ambas as habilidades cognitivas e socioemocionais são importantes para moldar os resultados da vida profissional. Heckman (2014) sustenta que as habilidades não cognitivas são fundamentais para moldar as escolhas educacionais dos indivíduos e o resultado prático da própria educação.

Estudos sobre habilidades não cognitivas são de extrema importância para orientar o entendimento de fenômenos econômicos complexos como a pobreza e as desigualdades sociais. Para Rajan,

O sucesso escolar, da mesma forma que na vida profissional, depende em grande medida de habilidades não cognitivas, como perseverança, determinação e autodisciplina. E enquanto as habilidades cognitivas são estabelecidas desde o início de modo relativo, as habilidades não cognitivas podem ser alteradas por um período mais longo (Rajan, 2012, p. 301).

As habilidades podem ser moldadas e modificadas ao longo do ciclo de vida do indivíduo. Não existe imutabilidade ou permanência o que sugere um papel de destaque para a atuação dos pais. O abandono educacional das crianças, por seus pais, no que se refere a habilidades não cognitivas, pode gerar inúmeros problemas e ineficiências econômicas para os indivíduos e para a sociedade. Crianças que crescem em ambientes deficientes em instrução e encorajamento são potencialmente mais vulneráveis em suas carreiras. Assim, a postura da família, estabelecendo traços da personalidade das crianças é imprescindível para o desenvolvimento individual e econômico.

² Cunha e Heckman, 2009; Cunha e Heckman e Schennach 2010; Heckman e Humphries e Mader, 2010 e Heckman e Rubinstein, 2001; Heckman et al., 2011.

O problema é que a literatura sobre os ciclos de vida profissional geralmente não aborda temas relacionados aos aspectos não cognitivos. Isto porque são fatores de mensuração confiável quase impossível (Heckman e Rubinstein, 2001, p. 145). Mas, por que as habilidades não cognitivas são tão importantes para o sucesso econômico e qual o envolvimento da família na criação de habilidades?

James Heckman (2011, p. 26) apresenta uma pista: para meditar sobre o primeiro questionamento argumentando que a “sociedade moderna é baseada em habilidades e a desigualdade no rendimento em todos os grupos raciais e étnicos é, principalmente, devido à desigualdade de habilidades. Ambas, habilidades cognitivas e de personalidade, determinam o sucesso da vida”.

Sobre o segundo questionamento, diversos autores sustentam que os pais têm um importante papel na formação das habilidades responsáveis pelo sucesso profissional (Kautz et al., 2014 e Heckman e Mosso, 2014). Heckman, acrescenta que as famílias são grandes produtoras de habilidades.

Elas fazem muito mais do que passar seus genes à frente. As desigualdades em habilidades e na escola estão fortemente ligadas à desigualdade de ambientes familiares. ... A verdadeira medida da pobreza infantil e da vantagem é a qualidade da paternidade que uma criança recebe, não apenas o dinheiro disponível para um agregado familiar.

Uma fração crescente de crianças americanas em todos os grupos raciais e étnicos está sendo criada em famílias disfuncionais. O contraste crescente entre os ambientes iniciais de crianças favorecidas e desfavorecidas ameaça criar uma maior desigualdade na próxima geração de americanos a partir de um nível já elevado. (Heckman, 2011, p. 26)

Por isso, Heckman acredita que o aconselhamento, a tutela e a parentalidade

(...) são os temas unificadores das estratégias de desenvolvimento de competências de sucesso em todo o ciclo de vida. O estudo das interações entre pais e filhos, como um sistema emergente, é uma abordagem promissora para o desenvolvimento humano.

Intervenções eficazes no início da vida promovem mudanças benéficas na parentalidade. A análise das interações entre pais e filhos e da aprendizagem dos pais, a formalização das noções de afeto (attachment), aconselhamento (mentoring) e suporte (scaffolding) e sua integração nos modelos

de ciclo de vida de gerações sobrepostas com acumulação dinâmica de habilidade constituem a fronteira de pesquisas no campo” (Heckman e Mosso, 2014, p. 57)

O termo “scaffolding”, utilizado por Heckman é de grande significado. Tem um sentido além do suporte e apoio já que pressupõe a elevação. “Andaimar” no sentido de “sustentar” pode significar: segurar por baixo, suportar, auxiliar, amparar, impedir que caia, resistir a, conservar, manter, alimentar, fornecer o necessário para viver, instruir, edificar, estimular, perpetuar, fortificar, defender pelear a favor de.

Mas, “scaffolding”, também pode significar dispor em um nível superior, fazer subir e elevar. É nesse sentido que Heckman utiliza o termo. Isto porque, como o próprio autor argumenta a função dos pais não é somente transmitir genes e alimentar a prole. Heckman e Mosso definem o termo como sendo uma estratégia adaptativa interativa que reconhece as capacidades atuais da criança, mas procura orientá-la a aprender ainda mais. Para atingir esse objetivo os pais adaptam atividades à capacidade da criança a fim de mantê-la “na ‘zona de desenvolvimento proximal’, que é o nível de dificuldade em que a criança pode aprender o mais” (Heckman e Mosso, 2014, p. 04)

O desenvolvimento humano é um processo dinâmico que começa no útero. Ambientes e habilidades interagem para fomentar o desenvolvimento de habilidades para a vida posterior e criam quem somos e o que nos tornamos. As bases para o sucesso adulto são estabelecidas cedo na vida. Muitas crianças criadas em ambientes desfavorecidos começam atrás e permanecem atrás. A pobreza tem efeitos duradouros sobre o desenvolvimento do cérebro, da saúde e das habilidades. Lacunas em habilidades emergem cedo, antes da escolarização formal começar. Esperar até o jardim de infância para enfrentar estas lacunas é uma estratégia pobre. Ela cria disparidades de realizações para as crianças desfavorecidas que são custosas para corrigir. (Kautz et al., 2014, p. 11)

Trata-se de um processo cumulativo. Uma habilidade impulsiona outras fazendo da formação de competências um processo sinérgico e dinâmico. Como afirmam Conti e Heckman (2012).

Habilidades geram habilidades. (...). Uma criança perseverante aberta a experiência aprende mais. O sucesso inicial promove o sucesso mais

tarde. Vantagens acumulam. As crianças pequenas são flexíveis e adaptáveis em formas que os adolescentes e adultos não são. É muito mais fácil prevenir o surgimento de déficits nos primeiros anos do que remediá-los mais tarde. (...)

Em terceiro lugar, as famílias desempenham um papel essencial na definição das competências dos seus filhos. A formação de habilidades começa no útero. Os primeiros anos da vida de uma criança antes de a criança entrar na escola lançam as bases para tudo o que se segue. Grandes lacunas nas habilidades entre os favorecidos e os mais desfavorecidos abrem-se cedo, antes que as crianças entrem na escola. (...). As famílias plantam e nutrem as sementes que se transformam em alunos e adultos bem-sucedidos. Famílias em risco produzem crianças em risco, que muitas vezes se transformam em adultos que não conseguem perceber o seu potencial (Heackman, 2011, p. 05).

Para Heckman e Mosso (2014, p. 03) o envolvimento dos pais com a criança, na forma de investimentos em bens educacionais, é análogo aos investimentos das firmas em bens de capital. Normalmente os investimentos de tempo dos pais nas crianças eram ignorados por estudos sobre o desempenho profissional. Tais investimentos dos pais na fase da infância são considerados igualmente eficazes na produção de competências dos adultos. As pesquisas mais recentes na economia do desenvolvimento humano e da mobilidade social focam as habilidades e as tecnologias de formação de habilidade. Reforçam a importância dos períodos críticos e sensíveis da infância na formação de competências e habilidades múltiplas necessárias para o sucesso na vida. Alguns modelos de pesquisa estabelecem as relações de pais e mestres-filho como sistemas interativos.

3. METODOLOGIA

3.1. PESQUISA EXPLORATÓRIA

A pesquisa apresentada neste artigo é exploratória. Não selecionou um tipo específico, ramo ou tamanho de empresa. O objetivo é focar em uma etnia pouco estudada e suas características institucionais relevantes. Optou-se pelos imigrantes trentinos devido à carência de estudos sobre a contribuição dessa população para o

desenvolvimento econômico brasileiro.

A pesquisa ainda está em andamento. No estágio atual ela está procurando ampliar o conjunto de qualificações institucionais presentes nas famílias de empreendedores imigrantes que foram coletadas na fase de pré-projeto. Estas entrevistas serviram para desvendar algumas características das famílias trentinas que poderiam interferir acentuadamente no sucesso empreendedor. O objetivo não era encontrar características exclusivas dos trentinos, mas, aquelas que poderiam explicar o sucesso ou o fracasso de empreendimentos econômicos, sociais ou culturais.

Foram realizadas três entrevistas com descendentes de empreendedores trentinos na cidade de Campinas e duas entrevistas com professores da Universidade de Trento na capital do Trentino-Alto Adige. Abaixo segue o resumo analítico das entrevistas realizadas no Brasil. Foi apresentado aos entrevistados apenas uma questão: Quais foram os fatores culturais da família que favoreceram ou prejudicaram o sucesso econômico da família? A resposta era aberta; o entrevistado poderia discorrer sobre o tema livremente sem que fosse interrompido pelo entrevistador. O objetivo era verificar se na narrativa espontânea dos entrevistados apareceriam alguns fatores citados nos estudos de Heckman.

3.2. FOCO

A pesquisa não leva em conta aspectos financeiros como disponibilidade de capital ou herança recebida. Assim, a pesquisa considera as “habilidades” como o elemento explicativo principal por serem pouco exploradas em histórias de empreendedores.

Os estudos de Heckman citados acima enfatizam que as habilidades não cognitivas interferem decisivamente na vida econômica em aspectos como: níveis de salários, participação no crime, divórcios, condições de saúde, gravidez na adolescência, tabagismo, fracasso profissional e comportamento social de risco. Desta forma, para pesquisar o sucesso econômico de determinado indivíduo

ou grupo familiar é preciso considerar os aspectos cognitivos e comportamentais. Por conta da abordagem específica dessa pesquisa considera-se adequado focar apenas os aspectos não-cognitivos dos imigrantes e seus descendentes. Em outras palavras, as entrevistas realizadas focaram os aspectos comportamentais que foram relevantes para o sucesso profissional dos tirolezes e das gerações que se sucederam no Brasil.

3.3. DELIMITAÇÕES

É preciso deixar claro que o conceito de “empreendedor” que o artigo utiliza não se limita ao universo dos empresários. O estudo está interessado também em empreendedores no sentido schumpeteriano do termo. Desse modo, as pesquisas de campo estão coletando dados sobre indivíduos que empreenderam ou inovaram no mundo artístico e intelectual e no serviço público.

Até o momento a pesquisa coletou informações através de entrevistas não estruturadas. Como resultado parcial a pesquisa já conta com algumas indicações de empresários e empresas formadas por imigrantes-empresários e seus descendentes. Da história relatada por parentes e descendentes, ou pelos próprios empresários, foram sugeridas algumas explicações provisórias sobre o comportamento empreendedor dos tirolezes no Estado de São Paulo.

Ao contrário da pesquisa realizada por Bresser-Pereira (1964) no início dos anos 1960, a maioria dos empresários-imigrantes já faleceu. Por isso, grande parte das entrevistas devem ocorrer com os descendentes dos imigrantes. Quanto a esse aspecto não há problema algum, uma vez que o que se pretende extrair das entrevistas são as instituições, isto é, as crenças formadoras de comportamento e as habilidades não cognitivas transmitidas pelos imigrantes.

Com a sequência desse estudo exploratório será possível um melhor entendimento a respeito das contribuições dos imigrantes para o desenvolvimento paulista. Assim, poderá ser abordado com mais profundidade o papel da imigração como mecanismo

de transferência não apenas de mão de obra, capitais e tecnologias, mas, também, de capacidade empreendedora, padrões mentais e instituições favoráveis ao empreendedorismo e à inovação.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A emigração em grande volume de europeus em direção ao continente americano, na segunda metade dos oitocentos, é um exemplo do efeito do “propósito humano” como motor do desenvolvimento. O fenômeno da migração era bastante antigo no Trentino. Todavia, as péssimas condições econômicas na segunda metade dos oitocentos retiraram de muitas famílias a esperança de escapar da miséria em solo tirolês (Bassi, 2008, p. 481 e Grosseli, 2000, p. 26).

O Trentino-Alto Adge é uma região de antiquíssima ocupação humana. Sabe-se que estabelecia relações comerciais com outras regiões muito antes da expansão do Império Romano. Foi influenciada ou participou diretamente dos principais fatos e processos econômicos e institucionais da Europa Ocidental, como o Concílio Ecumênico de Trento, por exemplo. Por isso, os imigrantes que desta região se deslocaram para o Estado de São Paulo, provavelmente, possuíam habilidades necessárias para o empreendimento em atividades urbanas.

Segundo Cunha e Heckman, (2009, p. 04) Marshall já via na família uma importante instituição capaz de criar condições de melhoria na qualidade de vida dos indivíduos. De fato, Marshall enfatiza o papel das mães.

Liberdade até agora tem sido considerada como livre de ligações externas. Mas, aquela maior Liberdade que vem de auto-domínio é uma condição ainda mais importante para o trabalho superior. A elevação dos ideais da vida sobre o qual isso depende, é devido por um lado a causas políticas e econômicas a, e por outro por influências pessoais e religiosas; entre os quais a influência da mãe na primeira infância é suprema (Marshall, 1920, p. 115)

É interessante notar que os estudos de Heckman e colegas citados acima apontam para conclusões semelhantes a antigas crenças de diversos povos, inclusive dos tirolezes. A família ocupa um papel de destaque na

formação das habilidades não cognitivas fundamentais para o sucesso profissional e valorizadas pela sociedade. As conclusões desses pesquisadores são corroboradas pelas três pesquisas já realizadas.

Na primeira entrevista a bióloga e escritora Suzana Facchini Granato relatou que a educação rigorosa e sistemática que recebeu dos pais foi fundamental para seu desenvolvimento pessoal. Na entrevista foi possível constatar que não foi apenas o conteúdo escolar que favoreceram seu sucesso profissional, mas, igualmente, as habilidades não cognitivas apreendidas com os pais.

As habilidades não cognitivas citadas nos trabalhos de Cunha e Heckman (2009); Heckman (2011) e Heckman e Rubinstein (2001) que apareceram no depoimento foram, sobretudo, a persistência, o gosto pelo conhecimento, a honradez, a estabilidade emocional e o otimismo. A escritora não soube apresentar nenhum fator herdado da cultura familiar que tenha prejudicado sua profissão. As instituições da primogenitura e do patriarcalismo não estavam presentes na família da escritora. Os privilégios do filho mais velho ou dos filhos sobre as filhas não ocorriam na família Facchini.

Nessa mesma família foi entrevistada a senhora Celina Facchini esposa do Dr. Fernando Facchini. Este descendente de tirolezes de Vattaro foi professor e pesquisador do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. O Dr. Facchini introduziu métodos inovadores na pediatria neonatal do hospital e na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. (Marba, 2011; Sugimoto, 2007 e Unicamp, 2011).

Segundo depoimento de Celina Facchini, esposa do descendente, e da escritora Suzana Facchini Granato, filha do descendente, a educação rigorosa e sistemática era uma exigência que o Dr. Fernando Facchini exigia de si e dos filhos. Aparentemente, da mesma forma que na observação sobre a escritora, não foi apenas o conteúdo escolar técnico apreendido pelo Dr. Facchini que favoreceu seu sucesso profissional, mas, também, as habilidades não cognitivas

apreendidas com os pais.

Uma terceira entrevista foi realizada com Ilse Moreira, descendente de Giuseppe Pasquali, empresário do setor comercial da cidade de Amparo/SP. Giuseppe Pasquali era do commune de Cognola e filho de Giovanni Pasquali (nascido no mesmo comuni e de antepassados dos comuni de, Sant'Orsola, Fierozzo e Pergine Valsugana) e de Maria Luiza Tomazini de Civezzano.

Entrevista com Ilse Moreira, neta do empresário.

Segundo depoimento da professora de italiano e tradutora juramentada, Ilse Moreira, Giuseppe Pasquali, montou uma alfaiataria no centro da cidade de Amparo/SP no final dos oitocentos. Em seguida a alfaiataria passou a contar com uma loja de roupas fabricadas pelo próprio empresário no início do século XX. Quando faleceu o empresário Giuseppe Pasquali deixou sua microempresa para os irmãos.

Segundo consta na história da família os novos empresários se recusaram a comercializar produtos baratos que entraram em uso em meados dos anos 1930, as “rancheiras”. Aparentemente essa opção empresarial decorreu do fato dos empresários se sentirem orgulhosos por comercializar apenas produtos de alta qualidade, de confecção própria e com uso de tecidos finos ingleses. Em meados do século XX a economia da cidade de Amparo sofreu um retrocesso o que prejudicou o faturamento da alfaiataria/loja. Provavelmente, devido a esses fatores o negócio foi descontinuado por falta de sustentação financeira.

Segundo a professora, na família Pasquali todos tinham que estudar. “O estudo não era uma opção, mas uma obrigação, tanto para homens quanto para mulheres”. Não havia uma sobreposição dos interesses dos filhos sobre os interesses das filhas e nem um maior incentivo ao estudo dos netos masculinos de Giuseppe Pasquali em relação às netas.

As habilidades não cognitivas citadas por Cunha e Heckman (2009); Heckman (2011) e Heckman e Rubinstein (2001) que puderam ser detectadas nas entrevistas como sendo estimuladas na família Pasquali

foram a tenacidade, a perseverança, a honradez, a autoestima, o autocontrole e o comportamento prospectivo.

Estas entrevistas oferecem algumas pistas sobre o empreendedorismo dos tirolezes e seus descendentes. Pode-se imaginar que algumas instituições características da cultura familiar trentina foram fundamentais para favorecer a estabilidade das famílias e o sucesso profissional e empresarial dos imigrantes e seus descendentes.

As regiões de emigração do Trentino-Alto Adge não foi capaz de gerar e aceitar novas oportunidades de investimento e empregos no volume necessário. Do outro lado do Atlântico, entretanto, no Brasil e, sobretudo no Estado de São Paulo, havia uma fronteira econômica em expansão. O avanço na tecnologia naval no final dos oitocentos abriu a possibilidade de migração de famílias que carregavam instituições favoráveis ao sucesso econômico. Algumas regiões do Brasil ofereciam condições de desdobramentos e evolução de sistemas produtivos primitivos para estruturas mais complexas e dinâmicas. Indivíduos capacitados conseguiram aproveitar as novas janelas de oportunidades. Mesmo não dominando totalmente o ambiente tais indivíduos conseguiram estabelecer estratégias bem-sucedidas. Ascenderam social e economicamente e conseguiram sustentar um alto padrão cultural dos descendentes. Talvez, nesse ambiente desconhecido, o poder da “emulação” tenha sido ampliado quando associado ao compadrio e a um sentimento de grupo.

5. CONCLUSÕES

Provavelmente a região trentino-tirolesa em meados dos oitocentos favoreceu o crescimento de uma cultura empreendedora e laboral urbana ligada ao comércio e ao setor de manufaturados. Segundo relatos coletados pela pesquisa até o momento, muitos dos imigrantes tirolezes que vieram para o Estado de São Paulo se dedicavam, em seus “comuni” de origem à produção de alimentos e bebidas, beneficiamento de cereais, comércio,

hospedagem, produtos de madeira, produtos de couro, seda e transporte.

A região tirolesa superou várias fases econômicas desfavoráveis durante centenas de anos. Nesse processo o Trentino-Alto Adge propiciou o que Hayek definiu como um processo pelo qual padrões mentais individuais se tornam instituições coletivas. A população tirolesa pode assim, ser portadora de uma “cultura” ou, nos termos de North e Commons, de “instituições” específicas que lhe conferiam virtudes favoráveis ao sucesso no trato de fatores relacionadas ao empreendedorismo. Entretanto, apesar de um histórico de superações, a região foi palco de um grande fluxo migratório de caráter permanente em meados do século XIX. Tais imigrantes se deslocaram para uma região de fronteira econômica levando não apenas recursos financeiros, capacidade empreendedora e de trabalho, mas um “padrão mental” e “institucional” apurado por séculos de experimentações, diferenciações e seleção de modelos de negócios.

Os resultados das entrevistas demonstram ser promissora a abordagem da teoria do capital humano para estudar o fenômeno do empreendedorismo dos imigrantes trentinos. Inserido em um ambiente econômico definido como de expansão e seleção, o uso da cultura e das regras de comportamento familiar podem ser bastante úteis para entender o sucesso e/ou fracasso de empreendimentos levados a cabo por imigrantes e seus descendentes.

Para testar tal a hipótese de Heckman é necessário ampliar a atual pesquisa de campo. Para isso, é preciso lembrar que os Trentinos mantêm organizações culturais estruturadas – os Círculos Trentinos e Museus Históricos – que permanecem em funcionamento a mais de um século. Os Círculos Trentinos como os de São Paulo, Piracicaba e os Museus históricos como os de Amparo e Casa Branca são importantes fontes de dados para gerar informações a respeito da contribuição dos Trentinos para o desenvolvimento paulista. Tais fontes, entretanto, ainda não foram estudadas bem

como uma enorme quantidade de empresas identificadas como sendo de descendentes trentinos. Explorar esse material será um desafio estimulante para a continuidade da presente pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCHIAN Armen A. *Uncertainty, Evolution, and Economic Theory*. The Journal of Political Economy, V. 58, N. 3, Jun., 1950.
- ALDRICH, Howard E ; HODGSON Geoffrey M. ; HULL, David L. , KNUDSEN, Thorbjørn ; MOKYR, Joel and VANBERG, Viktor J. *In Defence of Generalized Darwinism*, Journal of Evolutionary Economics, 18(5), October, 2008, pp. 577-96.
- AMBROSINO, Angela. *Cognizione ed Evoluzione Istituzionale: un rilevante punto di contatto fra Hayek e la teoria del cambiamento istituzionale di Veblen*. Studi e Note di Economia, Anno XVII, n. 2-2012, pag. 219-247.
- BANDURA, Albert. *Social cognitive theory*. In R. Vasta (Ed.), *Annals of child development*. Vol. 6. Six theories of child development (pp. 1-60). Greenwich, CT: JAI Press, 1989.
- BANDURA, Albert. *Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective*. Annu. Rev. Psychol. 2001.
- BASSI, Corrado. *Sguardo al Passato: Vattaro, Vigolo e Bosentino nel corso dei secoli*. Vattaro: Edizioni 31, 2008.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. “*Origens étnicas e sociais do empresário paulista*”. Revista de Administração de Empresas 3(11) junho, 1964.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Empresários, Suas Origens, e as Interpretações do Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 9(25) junho 1994.
- CASTELLI, Jonattan Rodriguez ; CONCEIÇÃO, Octavio Augusto Camargo. *Instituições, Mudança Tecnológica e Crescimento Econômico: uma Aproximação das Escolas Neo-Schumpeteriana e Institucionalista*. Natal, Anpec, 2014.
- CONTI, Gabriella ; HECKMAN, James J.. *The Economics of Child Well-Being*. IZA Discussion Papers 6930, Institute for the Study of Labor, 2012.
- CUNHA, Flavio ; HECKMAN, James J. ; SCHENNACH, Susanne. *Estimating the Technology of Cognitive and Noncognitive Skill Formation*. Discussion Papers 4702, Institute for the Study of Labor, 2010.
- CUNHA, Flavio ; HECKMAN, James J.. *Investing in our Young People*,” Rivista Internazionale di Scienze Sociali, Vita e Pensiero, Pubblicazioni dell’Università Cattolica del Sacro Cuore, vol. 117(3), 2009, pages 387-418.
- DARWIN, Charles Robert. *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, 1stedn., 2 vols, London: Murray and New York: Hill, 1871.
- DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1980-1945)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro e Editora Universidade de São Paulo: 1971.
- EDITORA SARAIVA. Autor: Suzana Facchini Granato. Disponível em: <http://www.editorasaraiva.com.br/autor/suzana-facchini-granato/>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- FOSTER, John. “*From Simplistic to Complex Systems in Economics*,” Discussion Papers Series 335, School of Economics, University of Queensland, Australia, 2004a.
- GIGANTE, Anna Azzurra. *Institutional Cognitive Economics: some recent developments*. Munich Personall RePEc Archive, 2013.
- GOODWIN, Richard. *Economic Evolution, Chaotic Dynamics and the Marx-Keynes-Schumpeter System*. In: HODGSON, Geoffrey. M.. *Rethinking economics: markets, technology and economic evolution*. London: Edward Elgar Publishing Limited, 1991.
- GROSSELLI, Renzo. *Storie Della Emigrazione Trentina*. Trento: L’Adige, 2000.
- HAYEK, Friedrich A. “*The use of knowledge in society*”, American Economic Review, vol. XXXV, n. 4, 1945.
- HAYEK, Friedrich August von. *The Constitution of Liberty*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978.
- HAYEK, Friedrich August von. *The Fatal Conceit: The Errors of Socialism*. Edited by W. W. BARTLEY, Great Britain, 1992.
- HAYEK, Friedrich August von. *The Road to Serfdom*. London and New York: Routledge, 2006. First Published 1944.
- HECKMAN, James J. ; HUMPHRIES, John Eric ; MADER, Nicholas S.. *The GED*. NBER Working Papers 16064, National Bureau of Economic Research, Inc., 2010.
- HECKMAN, James J. ; HUMPHRIES, John Eric ; URZUA, Sergio; VERAMENDI, Gregory. *The effects of educational choices on labor market, health, and social outcomes*. Working Papers 2011-002, Human Capital and Economic Opportunity Working Group, 2011.
- HECKMAN, James J. ; HUMPHRIES, John Eric ; VERAMENDI, Gregory ; URZUA, Sergio.. *Education, Health and Wages*. Discussion Papers 8027, Institute for the Study of Labor (IZA), 2014.
- HECKMAN, James J. ; MOSSO, Stefano. “*The Economics of Human Development and Social Mobility*,” Working Papers 2014-004, Human Capital and Economic Opportunity Working Group, 2014.
- HECKMAN, James J. ; RUBINSTEIN, Yona. *The Importance of Noncognitive Skills: Lesson from the GED Program*. The American Economic Review, Vol. 91, no. 2, 2001, p. 145 – 149.
- HECKMAN, James J.. *The American Family in Black and White: A Post-Racial Strategy for Improving Skills to Promote Equality*,” IZA Discussion Papers 5495, Institute for the Study of Labor (IZA), 2011.
- HENDERSON, Hazel. *Transcendendo a*

- **economia. Tradução de Merle Scoss.** 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- HODGSON, Geoffrey M. **MALTHUS, Thomas Robert (1766-1834)** In: **Biographical Dictionary of British Economists**, edited by Donald Rutherford. Bristol: Thoemmes Continuum, 2004a.
- HODGSON, Geoffrey. M. **Darwinism, Causality and the Social Sciences.** *Journal of Economic Methodology*, 11(2), June 2004b, pp. 175-94.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **Toward an Evolutionary and Moral Science: Remarks upon Receipt of the Veblen-Commons Award.** *Journal of Economic Issues*. Vol. 46, No. 2, Papers from the 2012 Annual Afee Meeting (June 2012), pp. 265-275.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **Darwinism and Institutional Economics.** *Journal of Economic*. Vol. 37, No. 1, A Symposium on David Hamilton's "Evolutionary Economics: A Study of Change in Economic Thought" (Mar., 2003b), pp. 85-97.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **How Veblen Generalized Darwinism.** *Journal of Economic Issues*. Vol. 42, No. 2, Papers from the 2008 AFEE Meeting (Jun., 2008), pp. 399-405.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **Institutional Economics into the Twenty-First Century**, *Studi e Note di Economia*, 24(1), 2009b, pp. 3-26.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **Sickonomics: Diagnoses and Remedies.** The Business School, University of Hertfordshire, De Havilland Campus, 2009a.
- HODGSON, Geoffrey. M.. **The Mecca of Alfred Marshall.** *The Economic Journal*. Vol. 103, No. 417 (Mar., 1993), pp. 406-415.
- KAUTZ, T.; HECKMAN, J. ; DIRIS, R. ; WEEL, B. ; BORGHANS, L. **Fostering and Measuring Skills: Improving Cognitive and Non-cognitive Skills to Promote Lifetime Success.** OECD Education Working Papers, No. 110, OECD Publishing, 2014.
- LEVIN, Simon A. **Complex Adaptive Systems: Exploring The Known, The Unknown And The Unknowable.** *Bulletin (New Series) of the American Mathematical Society*. Volume 40, Number 1, Pages 3-19. Article electronically published on October 9, 2002.
- LUZ, M. R. S. ; FRACALANZA, P. S. . **Darwinismo Universal e Economia Evolucionária: Recurso ontológico ou mais uma analogia?.** *Ensaio FEE (Impresso)*, v. 32, p. 31-50, 2011.
- LUZ, M. R. S. ; FRACALANZA, P. S. . **From T(h) e(le)ology to the Evolutionary: The essentialist legacy and the Darwinian possibility of economic theorizing.** *Journal of Economic Issues*, v. XLVII, p. 193-218, 2013.
- MARBA, Sergio. **Adeus ao Professor Facchini da Unicamp.** Sociedade de Pediatria de São Paulo. Site de notícias, 01 jan. 2011. Disponível em: <http://www.spsp.org.br/site/index.php/noticias-leia-mais/642-adeus-ao-professor-facchini-da-unicamp>. Acesso em 12 jul. 2015.
- MARSHALL, Alfred. **Principles of Economics.** London: Macmillan and Co. 1890, 8th ed. 1920.
- NORTH, Douglass C **Where Have We Been And Where Are We Going?**, *Economic History* 9612001, EconWPA, 1996b.
- NORTH, Douglass C. **"Transaction Costs Through Time"**, *Economic History*, 1994b.
- NORTH, Douglass C. **Economic Performance Through Time.** *The American Economic Review*, Vol. 84, No. 3. (Jun., 1994a), pp. 359-368.
- NORTH, Douglass C.. **"Institutions, Organizations And Market Competition,"** *Economic History* 9612005, EconWPA, 1996c.
- NORTH, Douglass C.. **"The Evolution Of Efficient Markets In History,"** *Economic History* 9411005, EconWPA, 1994b.
- NORTH, Douglass C.. **Economics and Cognitive Science.** *Economic History* Washington University St Louis, EconWPA, 1996a.
- NURKSE, Ragnar. **Problemas de Formación de Capital en los Países Insuficientemente desarrollados.** México: Fondo de Cultura Económica, 1960.
- PARETO, Vilfredo. **Manuale di Economia Politica: com uma introduzione alla scienza sociale.** Milano: Societa Editrice Libreria. Library of the University of Toronto 1919.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce.** Harvard University Press, 1958.
- PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1995.
- RAJAN, Raghuram G.. **Linhas de Falhas: como rachaduras ocultas ainda ameaçam a economia mundial.** São Paulo: BEI, 2012.
- REYES-RICON, Maya; ZOUAIN, Deborah Moraes; PIMENTA, Roberto da Costa and ALMEIDA, Gustavo de Oliveira. **New configuration of the Brazilian state: liberty and development in the evolution of government in Brazil.** *BAR, Braz. Adm. Rev.*, Curitiba, v. 7, n. 4, Dec. 2010.
- RIZZELLO, Salvatore; TURVANI, Margherita. **Institutions Meets Mind: the Way out of an Impasse.** *Constitutional Political Economy*, v. 11, 2000.
- SACHS, Ignacy. **Rumo à Ecosocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento.** São Paulo: Cortez, 2007.
- SAY, Jean-Baptiste. **Traité D'économie Politique ou Simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent et se consomment les richesses.** Edição de 1803, Paris: Institut Coppet, 2011.
- SECRETARY'S COMMISSION ON ACHIEVING NECESSARY SKILLS (SCANS) of U.S. Department of Labor. **What Work Requires of Schools a Scans Report for America 2000.** Washington, DC: United States Government Printing Office, 1991.
- SMITH, Adam. **The Wealth of Nations.** London: Edwin Canna, M. A. LLD, 1904.
- SPENCER, Herbert. **Essays: Scientific, Political**

and Speculative, Essays: Scientific, Political, and Speculative. Library Edition, containing Seven Essays not before republished, and various other Additions (London: Williams & Norgate, 1891). Vol. 1.

SPENCER, Herbert. **Progress: its law and cause with other disquisitions.** New York: J. Fitzgerald & co, 1882.

SPENCER, Herbert. **The Social Organism.** *The Westminster Review*, New Series Vol. 17, january-april, 1860. London: George Manwaring, 1860, pp. 90-121.

SPENCER, Herbert. **The Social Organism.** *The Westminster Review*, Vol. 72, july-october, 1859. American Edition, New York: Leonard Scott & Co., 1859, pp. 51-68.

SUGIMOTO, Luiz. **Novo projeto foca mutações genéticas.** *Jornal da Unicamp*. Unicamp, 22 a 28 de outubro de 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju377pag04.pdf. Acesso em: 14 jul. 2015.

UNICAMP. **Unicamp perde Fernando Facchini.** Unicamp: Site de notícias, 11/01/2011 - 13:07. Texto Da Redação com Izilda Rodrigues Machado Rosa (Caism). Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/unicamp-perde-fernando-facchini>. Acesso em 13 jul. 2015.

VEBLEN, Thorstein. **The Beginning of Ownership.** *American Journal of Sociology*, vol. 4, 1898b-9.

VEBLEN, Thorstein. **The Instinct of Workmanship and the Irksomeness of Labor.** Free content Quick View. *American Journal of Sociology*, Vol. 4, No. 2 (Sep., 1898c), pp. 187-201.

VEBLEN, Thorstein. **The Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institutions.** New York: B.W. Huebsch, 1918.

VERSIANI, Flávio R. ; SUZIGAN, Wilson. **Imigrantes, trabalho qualificado e industrialização: Rio e São Paulo no início do século.** *Revista de Economia Política*, vol. 13,no. 4(52), 1993.

VERSIANI, Flávio R.. **Escravos, homens livres e imigrantes: notas sobre a oferta de trabalho para a indústria no período até 1920.** In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História Econômica da Primeira República.* São Paulo: Hucitec, 2002, p.189 a 214;